

Leitores-escritores e a inesperada sobrevivência de uma crônica seiscentista

Pedro Garcez Ghirardi¹

Resumo: Uma crônica do século XVII, escrita por Giuseppe Ripamonti, na qual se descreve a peste de Milão, é ainda lembrada como fonte de inspiração de grandes escritores, Alessandro Manzoni, na Itália, e o Padre Manuel Bernardes, em Portugal.

Palavras chave: Literatura Italiana - Literatura Portuguesa – Alessandro Manzoni - Manuel Bernardes – Giuseppe Ripamonti - Peste de Milão no século XVII.

Abstract: A 17th. Century chronicle by Giuseppe Ripamonti, containing a description of the plague in Milan, is still remembered as a source of inspiration to such great writers as Alessandro Manzoni, in Italy, and Father Manuel Bernardes, in Portugal.

Keywords: Italian Literature – Portuguese Literature- Alessandro Manzoni – Manuel Bernardes – Giuseppe Ripamonti – Plague in 17th. Century Milan.

O nome hoje obscuro de Giuseppe Ripamonti (1573-1643) permitiria começar estas breves notas¹ com fáceis reflexões sobre o “*sic transit gloria mundi*”. Cômego em Milão, Ripamonti escreveu, sob auspícios do arcebispo, cardeal Borromeu (parente de São Carlos e seu sucessor na mitra) a *Historia Ecclesiae Mediolanensis*. Esta obra o fez notar ao marquês de Leganés, que governava a cidade em nome de Filipe IV da Espanha e que o nomeou historiador oficial. Foi assim que Ripamonti veio a escrever as então aclamadas *Historiarum patriae...* Mas se seu nome ainda hoje algumas vezes ecoa, para além dos círculos restritos de especialistas, isto se deve a um texto menor, a uma crônica, publicada em 1640, sobre a peste que assolou a cidade (*De Peste Mediolani quae fuit anno 1630*). Não que a crônica seja lida por si (voltamos ao transitório da fama): sua sobrevivência se deve a seus leitores, em especial ao maior romancista da literatura italiana, Alessandro Manzoni (1785-1873).

As velhas páginas em que o cronista tratava da terrível epidemia que assolou Milão no século XVII inspiraram, como se sabe, alguns episódios de *I Promessi Sposi* (*Os Noivos*). É notório o cuidado de Manzoni em criar um romance histórico que se apoiasse no testemunho de fontes contemporâneas. Isto se confirma, em particular, na descrição dos inícios e do avanço da peste. Ainda que com olhar crítico de quem se formara nas idéias da Ilustração, o romancista aqui se mantém próximo da crônica seiscentista.

Mas há pouco se dizia que a sobrevivência de Ripamonti se deve a seus leitores. As notícias da epidemia alcançaram vasta repercussão, mesmo fora da Itália, ou, como observa Manzoni, “per tutta Italia e fuori” (XXXII, 463)ⁱⁱ. Tanto que não foi este romancista – e isto é menos divulgado – o único grande autor que o consultou. Ao menos outro grande leitor-escritor, este de nossa língua, contribuiu também para

¹. Professor titular aposentado de Literatura Italiana (USP), é tradutor de Ariosto.

manter viva a memória de sua obra. De fato, mais de meio século depois de cessado o flagelo, a crônica que o relatava chamou a atenção de um dos maiores clássicos da literatura portuguesa, o Padre Manuel Bernardes. Sua saborosa coletânea de ditos sentenciosos, a *Nova Floresta*, testemunha que a pestilência de Milão se tornara “assunto geral dos autores, pregadores e poetas daquele tempo” e que continuava a ser caso “mui notável e digno de se ler”, tanto que o próprio Bernardes se dispunha a “referi-lo mais por extenso” (79)ⁱⁱⁱ.

Precursor neste ponto de Manzoni, o autor da *Nova Floresta* buscou em Ripamonti (ou, como escreve ele, Ripamôncio) inspiração não para um romance, mas para um gênero de leitura também amena. Sim, pois sua coletânea de ditos sentenciosos serve, diz o autor, “para que as [horas] de passatempo não sejam tão longas, porque a lição honesta é um dos proveitosos empregos que lhes podemos dar”^{iv}. O oratoriano português, entretanto, não tinha em mãos o original latino da crônica, original depois consultado por Manzoni. Bernardes valia-se da tradução espanhola de alguns trechos de Ripamonti, constantes da *Crônica dos Capuchinhos*, de frei José de Madrid. Diga-se de passagem que, em vista da atuação abnegada dos capuchinhos milaneses em favor dos atingidos pelo contágio (atuação que inspirou a Manzoni traços da bela figura de Frei Cristóvão), não é de estranhar que os registros da Ordem dessem amplo espaço ao assunto.

Fosse direto ou indireto o acesso ao texto, o que pode surpreender é que ambos os ilustres leitores-escretores muitas vezes coincidam na citação da crônica. Haja vista, por exemplo, a página em que Ripamonti alude às manchas dos muros da cidade (então atribuídas por muitos a aspersões pestíferas). É trecho que Manzoni transcreve em nota de rodapé (XXXI, 447) e que Bernardes, retomando-o da tradução do capuchinho, inclui em contexto mais amplo (82). Merece também observação a coincidência na escolha de alguns episódios, ou na pequena “antologia de Ripamonti”, se assim se puder dizer. Note-se, por exemplo, a descrição da triste tarefa de transportar os mortos na epidemia. Estes eram amontoados em carroças que, aos trancos, iam descompondo os membros dos cadáveres e fazendo-os bater nas rodas em movimento, ou, como diz Manzoni, “a ogni intoppo, a ogni scossa, si vedevan que’ mucchi funesti tremolare e scompaginarsi bruttamente, e ciondolar teste e chiome verginali arrovesciarsi e braccia svincolarsi e batter sulle rote” (XXXIV, 489). É o mesmo sombrio espetáculo que impressiona Bernardes. Os corpos, diz este, iam “caindo muitas vezes no chão com os solavancos da carroça ou com o descuido e pressa dos sepultureiros; e pendurados braços, pés e cabeças que tal vez se despedaçavam entre as rodas” (87). Ao relatar que se chegou a ver “uma criança ainda viva a puxar pela teta da mãe já morta e metida entre os mais do carro”(87), concretiza Bernardes a observação também feita por Manzoni, para quem “moriva [...] d’abbandono una gran quantità di bambini, ai quali eran morte le madri di peste” (XXXII, 458). Um destes episódios de luto familiar inspirou, aliás, ao romancista a célebre página do enterro da menina Cecília (XXXIV, 493-494). Vale observar ainda que ambos os leitores de Ripamonti apontam, com fundamento na crônica, a opinião generalizada de que a cidade corria o risco de ficar despovoada pelo contágio. Quando Renzo, o jovem camponês protagonista do romance, é acusado de ser “untore”, isto é, de espalhar o mal pela cidade com unguentos pestíferos, um transportador de cadáveres lhe facilita a fuga, observando ironicamente que aquele pobre-diabo provinciano não chegaria a despovoar Milão, ou, como diz o romance em trecho conhecidíssimo, “Va, va, povero untorello... non sarai tu quello che spianti Milano” (XXXIV, 500). Mas, para além da ironia, o receio de que toda a população pudesse perecer é registrado por Bernardes, ao comentar que “com fundamento se temia total assolamento daquela populosíssima cidade” (87).

A difundida opinião de que a peste seria obra de malfeitores, praticantes da feitiçaria em conluio com o demônio, chegou a inspirar um relato fantasioso que os dois escritores, o português e o italiano, vão também buscar em Ripamonti. Trata-se da suposta chegada de uma estranha carruagem ao centro de Milão, de onde sai uma figura assustadora, talvez o principal “untore”, talvez o próprio demônio. Manzoni, concordando com as restrições feitas pelo cronista, insiste no caráter fantasioso da história, incluindo-a entre as fábulas ou “favole” (XXXII, 462). Não difere o juízo de Bernardes, embora este não negue ao relato certa verossimilhança, ao acrescentar que “esta ficção ou fábula (que assim lhe chama Ripamôncio) [...] não me parece contém em seus termos intrínsecos cousa que repugne ou implique com haver passado assim” (83).

Coincidem ainda os dois grandes leitores de Ripamonti em retomar-lhe o elogio à já lembrada ação benemerita dos capuchinhos em favor dos doentes. Valha como exemplo a referência de Bernardes e de Manzoni, em termos semelhantes, a um heroico religioso que, com seus confrades, se dispusera a arriscar a vida em favor dos doentes. Este frade, Felice da Milano, ou Félix de Milão, desfrutava de grande fama de caridade, plenamente comprovada depois, ou, como diz Manzoni “godeva una gran fama di carità [...], a quel que il seguito fece vedere ben meritata” (XXXI, 444). Antes dele, Bernardes havia exaltado o religioso conhecido pela “caridade fervorosa”, ou seja, o “grande servo de Deus, B[eato]. Frei Félix de Milão, da Ordem dos Capuchinhos, que foi o maior alívio e socorro que aquela afligidíssima cidade teve no meio de seu trabalho”, (86).

Não se trata aqui de desenvolver, para além das analogias brevemente delineadas, as divergências de enfoque dos dois leitores de Ripamonti. O oratoriano português, mestre da vida de oração, não deixa de desenvolver nestas páginas uma reflexão na linha do *memento mori*, enfatizado pelas correntes espirituais pós-tridentinas. O romancista italiano, formado nas ideias ilustradas, desde jovem recusava as propostas de volta ao *statu quo* político e religioso, características do período da Restauração, no qual escreve (o romance é publicado inicialmente em 1827, com edição definitiva em 1840). O cristianismo afinal aceito por Manzoni está fortemente comprometido com a liberdade e a justiça social. Daí, aliás, o mérito pioneiro de seu romance, onde um casal de camponeses oprimidos assume papel central^v. Em Bernardes e em Manzoni, porém, certo é que se abre o horizonte da fé cristã. E em ambos, como grandes escritores, também se abre o horizonte da arte da palavra. Foi assim que Ripamonti e sua crônica seiscentista acabaram por encontrar inesperada sobrevivência graças a dois grandes leitores-escritores e às suas obras-primas, a *Nova Floresta* e *I Promessi Sposi*.

Notas

ⁱ Aqui se retomam ideias que publiquei há quase trinta anos no artigo “Bernardes e Manzoni, um relato histórico”. *O Estado de S. Paulo*, “Cultura”, 10/3/85, p. 11-12.

ⁱⁱ Todas as citações de Manzoni referem-se a *I Promessi Sposi*, segundo a edição crítica de Fausto Ghisalberti (Milano, Hoepli, 1964). Indica-se entre parênteses o capítulo, seguido da página.

ⁱⁱⁱ Salvo indicação contrária, todas as citações do Padre Manuel Bernardes referem-se ao tomo III da *Nova Floresta*, segundo a edição Lello, Porto, 1949 (título III, apotegma XXXII, digressão intitulada “Trágica e horrível pestilência que assolou a cidade de Milão...”). Indica-se aqui entre parênteses a página da edição citada.

^{iv} Padre Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, Lello, Porto, 1949, tomo I, p. 2 (“Apotegma ante-primeiro”).

^v Cfr. meu estudo “As linhas tortas da Providência no romance de Manzoni”. *Estudos Avançados*, 58 (2006), p. 211-226.

Recebido para publicação em 12-01-14; aceito em 15-02-14